

REVISTAS FEMININAS E O IDEAL DE FELICIDADE CONJUGAL (1945-1964)

Carla Bassanezi¹

Abstract

Feminine magazines and the ideal of conjugal happiness

*The ideal of “Conjugal Happiness” - social/y and historical/y constructed - implies certain expectations, practices and power relationships, social norms, roles of behavior, images (“the good housewife”, “the good husband”, “harmony in the home”). This essay focuses on changing and unchanging conceptions of “conjugal happiness” during the period 1945-1964, based on the study of two Brazilian women’s magazines *Jornal das Moças* and *Claudia*.*

Besides reproducing and reinforcing the social/y dominant gender relationships and representations, the women’s magazines participate in the construction of these relations and images through a dialogue with their time. The magazines are also places where the hierarchical relations of gender are found. And, at some moments, allow reformulations of the meanings attributed to gender in the society.

¹ Integrante do Centro de Estudos de Gênero Pagu - IFCH/ UNICAMP e doutoranda do IFCH.

“Há condições básicas, essenciais para um casamento feliz, além do amor.

É preciso que o rapaz tenha qualidades que o credenciem como bom esposo: lealdade, capacidade de trabalho, iniciativa (...) e que a moça se encaminhe para a vida de casada consciente das responsabilidades que a esperam [as tarefas domésticas e a maternidade]” (Cr 13.08.60).

A **felicidade conjugal** é um dos temas mais constantes nas publicações femininas brasileiras de 30 ou 40 anos atrás.

O amor entre os cônjuges é considerado um ingrediente importante, mas não o suficiente para garantir um “casamento harmonioso”. E as revistas direcionadas às mulheres trazem receitas prontas para o algo mais que sustenta os matrimônios dentro do **ideal de felicidade** proposto como único e universal.

A **felicidade conjugal**, ambição de todas as mulheres, está sempre ao alcance das mãos das **boas esposas** - afirmam em coro estas revistas.

Especialmente no período aqui em foco - 1945-1964 - as revistas são uma importante fonte de informação e referência para as mulheres, principalmente leitoras de classe média.² As revistas femininas penetram no espaço doméstico e procuram atuar como guias de ação, conselheiras persuasivas, companheiras de lazer ou alienação.

² A classe social das principais leitoras pode ser inferida a partir dos dados do IBOPE (pesquisa de opinião pública), das propagandas, dos textos das próprias revistas (que se afirmam como publicações de classe média), do conteúdo específico dos artigos e das cartas de leitores publicadas.

Na busca do **ideal** (ou ideais) de **felicidade** conjugal-construído, reproduzido e transformado entre os anos 1945-1964 - foram consultadas as páginas de duas das revistas femininas brasileiras mais representativas no período: *Jornal das Moças* e *Cláudia*.

Jornal das Moças (1945-1960) se vangloria da tradição de anos como “arauto das coisas boas que só a família pode proporcionar (...) dos ensinamentos que só os pais dão a seus filhos”. *Cláudia*, que surge em 1961, se apresenta como uma revista moderna, amiga, diferente... um sinal de mudança?

Jornal das Moças faz questão de manter-se dentro dos “limites da moral e dos bons costumes”, estar sempre de acordo com o “bom senso”, claramente a favor da “família estável”, considera que a prioridade da vida feminina deve ser o lar. A revista não faz distinções de classe, como se os modelos veiculados pairassem acima das diferenças sociais. Procura veicular valores morais conservadores e manter as relações de gênero nos moldes tradicionais; seu discurso é quase que homogêneo, não comportando grandes transformações no decorrer do tempo.

É necessário lembrar que durante o período 1945-1964 a sociedade brasileira vive uma série de transformações proporcionadas, entre outros fatores, pelo desenvolvimento econômico - processo de crescimento urbano, desenvolvimento industrial, aumento das possibilidades nos campos profissional e escolar (tanto da população em geral quanto da feminina). Ao mesmo tempo em que discriminações de gênero se manifestam com intensidade³, certas distâncias entre homens e

³ Estas manifestações se dão através das divisões rígidas de papéis e

mulheres se reduzem.⁴ O trabalho da mulher⁵, ainda que cada vez mais comum, continua cercado de preconceitos e encarado como subsidiário ao trabalho do “chefe da família”, o homem.

No modelo dominante de família na época enfocada⁶, as distinções de gênero delegam aos homens autoridade e poder sobre as mulheres - são considerados os “chefes da casa”. As mulheres, por sua vez, são definidas a partir dos papéis femininos tradicionais (prioritariamente mães, donas de casa e esposas, vivendo em função do outro, o homem) e das características consideradas “próprias das mulheres” englobadas no termo “feminilidade” (pureza, doçura, resignação, instinto materno etc). Aos pais de família cabe sustentá-la com seu trabalho, enquanto que as esposas devem se ocupar das tarefas domésticas, dos cuidados com os filhos e da atenção ao marido. Estas relações são defendidas por um conjunto de normas sociais, mas aparecem em termos de representações como naturais, desistoricizadas e válidas para todas as clas-

atribuições, da valorização da virgindade feminina, da manutenção da “dupla moral sexual”, da autoridade do marido sobre a mulher etc.

⁴ Modificam-se regras e práticas sociais que vão do namoro à intimidade do relacionamento familiar onde a voz feminina passa a ser mais respeitada. Além disso, as transformações trazidas pelo desenvolvimento econômico têm reflexos importantes no status sócio-econômico das mulheres.

⁵ Refiro-me aqui especialmente à mulher de classe média, posto que o trabalho fora do lar sempre fez parte da vivência das mulheres mais pobres.

⁶ Um exame de trabalhos que tratam da sociedade da época, da legislação e dos procedimentos jurídicos do período, de outros meios de comunicação, do discurso da Igreja católica, assim como depoimentos e histórias de vida constata e/ou remetem a este modelo. Modelo dominante: modelo que predomina.

ses. O casamento define direitos e atribuições distintas com relação aos gêneros traduzidos, freqüentemente, em desigualdades e dominação do feminino pelo masculino.

Jornal das Moças encampa este modelo particular de família correspondendo e reforçando discursos dominantes em sua época. *Cláudia*, com ares de modernidade, em geral reafirma a responsabilidade/obrigação da **mulher** para com os afazeres domésticos (mesmo que trabalhe fora - possibilidade esta não vista com bons olhos por *Jornal das Moças*), o cuidar dos filhos e a **harmonia conjugal**.

Em *Cláudia*, casamento e família continuam fundamentais e a dissolução dos vínculos correspondentes, ainda que já cogitada, deve ser evitada ao máximo. O modelo, ou melhor, modelos de relacionamento homem-mulher, nesta revista, apresentam algumas variações com relação ao veiculado em *Jornal das Moças*, porém as bases que determinam aos homens o papel de provedores e às mulheres o de dona de casa continuam firmes. A “dupla moral sexual” - uma forte tendência nos anos 40/50 - ainda prevalece em muitos dos textos de *Cláudia*. Mas alguns de seus textos já relativizam um pouco e até questionam - com o apoio de cartas de leitores - certos aspectos da moral tradicional. A revista não é tão homogênea em termos de opiniões como *Jornal das Moças*; mesmo dentro de certos limites (impostos tanto pela época, pelo tipo de público, quanto pela direção da revista, composta por homens), *Cláudia* comporta várias opiniões e tendências com a predominância das mais convencionais. Convivem na mesma revista, por exemplo, a preocupação em moldar “boas esposas” (de acordo com o modelo mais tradicional) ao lado

da concepção de “mulher moderna” (que não vive exclusivamente para o marido e os filhos e procura participar “mais ativamente na sociedade”).

As perspectivas contraditórias admitidas nesta revista sugerem possibilidades e tensões entre os vários discursos e mesmo entre as escolhas e os estilos de vida das leitoras.

Os artigos de Carmen da Silva - publicados a partir de 1963 - destacam-se como uma fala nova no âmbito das revistas femininas, dando um toque mais ousado e ‘feminista’ à *Cláudia*, entrando em contradição, várias vezes, com os demais textos da revista.

A “rainha do lar” e o “chefe da casa” ou “o casamento feliz”

“Não pode ser bom marido o homem que não trabalha”
(JM 01.02.45)

“(…) uma vez casado, deverá fazer face a todas as despesas
(…) já não é mais dono do seu ordenado.” (JM 06.10.55)

“(…) dizer mulher é dizer senhora do lar.” (JM 30.05.46)

As esferas de atuação e os deveres de cada um dos cônjuges estão bem delimitados nas revistas do período.

Com relação às tarefas domésticas, as distinções de feminino e masculino estão bastante nítidas e permanecem praticamente intocadas nos quase 20 anos estudados. O “marido perfeito” e a “boa esposa” também são definidos a partir do desempenho destas tarefas de cujo cumprimento adequado -

segundo as revistas femininas - depende “o bom andamento da união conjugal”.

Aos homens, dentro de casa, cabem apenas os pequenos consertos ou tarefas que exigem muita força física. O serviço doméstico e o cuidado dos filhos são reservados exclusivamente às mulheres.

“Ajudar a esposa” não é visto como uma obrigação do marido ou questão de justiça, é considerado apenas um favor, gentileza ou distração. Assim como a “colaboração” monetária da mulher para o orçamento familiar não é encarada como fundamental ou obrigatória e, muitas vezes, não é sequer cogitada. A participação masculina nas tarefas do lar é encarada simplesmente como “ajuda esporádica” e vista com ressalvas, doses de humor e/ou resultado de discussões e brigas do casal quando a mulher tem uma “personalidade forte e dominadora”. Às esposas não é dado, pelas revistas, o direito de exigir a participação do marido nos serviços domésticos, e nem devem fazê-lo sob o risco de irritarem o esposo, comprometendo assim a “felicidade do casamento”.

“mostre-se feliz quando ele passar uns dias longe de seus negócios, em casa, podendo desfrutar de calma absoluta (...) e, nesse caso, não peça para ele ajudá-la na limpeza (...) e outros afazeres. Pelo contrário, convença-o de que precisa descansar e recuperar as energias perdidas no trabalho da semana, para que ele possa retornar alegre e satisfeito ao serviço na segunda-feira. (...) Convença-o a passar uns dias fora (...) caçando ou pescando (...) ele voltará mais saudável (...) e lhe agradecerá (...) redobrando seus carinhos.” (JM 27.10.55)

“o marido perfeito está ao nosso alcance, se cuidarmos do seu bom humor e não considerarmos nunca como uma

obrigação - ou como uma coisa natural - sua eventual colaboração nos trabalhos domésticos. O trabalho caseiro é nosso, o marido tem o seu.” (JM 02.04.59)

As revistas colocam o peso da manutenção da “felicidade do lar” - e muitas vezes do próprio comportamento do marido - nos ombros femininos: “a mulher faz o marido”, ele se comporta de acordo com o tipo de esposa que tem. Em outras palavras, se a mulher cumprir “bem suas funções” - “um conjunto de deveres que colaborem para o bem estar do marido e de sua pequena comunidade” (JM 02.04.59) - sem questionamentos ou queixas, a “harmonia familiar” estará assegurada. Nada semelhante a esse conformismo é exigido dos homens⁷.

As revistas defendem, neste aspecto da relação homem-mulher, um claro sentido de desigualdade de gênero, admitem e reforçam uma hierarquia de poderes na sociedade conjugal onde o polo dominante é o masculino.

Nas publicações dos anos 50, esta posição é justificada comumente por referências às leis da natureza, mas também podem servir como argumentos as leis do Estado, o costume social, o “temperamento do homem brasileiro (ou latino)” e as inalteráveis leis divinas, além de ideais cristalizados de “harmonia familiar” .

⁷ Em revistas masculinas da época, o assunto “felicidade conjugal” não é sequer abordado, pelo menos seriamente. Em *O Cruzeiro*, uma revista de caráter geral, lida por homens e mulheres, a questão da “harmonia no casamento” é tratada nos mesmos termos das publicações dirigidas às mulheres, especialmente *Jornal das Moças*.

Cláudia, mais sutil (amenizada pelas conquistas femininas e novas idéias de sua época) não coloca as coisas nestes termos, mas fundamentalmente concorda, em grande parte de seus textos, com as distinções e desigualdades de gênero lançando mão de argumentos ligados à moral, ao “bom senso”, à “psicologia”.

“Como ser feliz no casamento”

“Um casamento sem amor é cinza e pó, mas o casamento que só tem amor é um globo belíssimo que arrebenta em nossas mãos como se fosse uma bola de borracha.” (JM 07.04.55)

“O amor conjugal é o mais precioso e o único que tem em si um elemento eterno.” (CI 03.63)

Apesar de valorizarem o amor conjugal - em oposição à paixão considerada “efervescência do juízo” (JM 21.10.53), “abandono de fórmulas e valores” (CI 12.63) - as revistas são unânimes em afirmar que só o amor, ainda que esteja de acordo com as convenções morais, não basta para garantir a “harmonia do casamento”.

Jornal das Moças tem uma visão bem específica de “felicidade matrimonial”. Em todos os seus textos (inclusive nos contos), o homem é colocado como o centro das atenções da esposa. O bem estar dos filhos, mas especialmente o do marido é o ponto de referência para a medida da “felicidade no lar”. Os conselhos da revista dirigidos às leitoras, na realidade, são sobre como fazer com que o marido se sinta feliz no casamento, e não a mulher, ou melhor, a “felicidade da

esposa” é tomada como mera consequência da satisfação do marido.

Cláudia também traz fórmulas de “felicidade conjugal”, procura promover o “entendimento” entre o marido e a esposa e se preocupa - mais que *Jornal das Moças* - com o bem estar e a adequação da **mulher** aos seus papéis de gênero. *Cláudia* não faz tanto uso quanto *Jornal das Moças* de argumentos como “sacrifícios por amor à família”, “missão divina da maternidade”, “obrigação da esposa”. A vida matrimonial em *Cláudia* é, na maioria das vezes, uma alegria, de fácil adaptação; os problemas conjugais são tratados como crises passageiras onde “o amor supera todos os obstáculos”.

O peso total da responsabilidade pela “harmonia conjugal” já não cai mais unicamente sobre os ombros da esposa; é dividido, mesmo que não equitativamente, com o marido - à mulher ainda cabe empreender a maior parte dos esforços neste sentido.

Entretanto, há diferenças significativas, em *Cláudia*, entre a seção assinada por Carmen da Silva e o restante dos artigos e reportagens da revista. Carmen procura - mais que promover a “felicidade no casamento” - fazer com que a mulher se sinta bem consigo mesma. E não confunde mais “felicidade da mulher” única e exclusivamente com “felicidade conjugal”.

Uma análise dos tópicos recorrentes nos conselhos de *Jornal das Moças* sobre “felicidade conjugal” pode revelar expectativas, regras e imagens, assim como práticas nas relações homem-mulher decorrentes e produtoras das distinções de gênero em sua época. Estes mesmos tópicos também aparecem

em *Cláudia*, guardando muitas semelhanças e... algumas diferenças com relação à *Jornal das Moças*. São eles:

1. Prendas domésticas

“Para ser uma esposa 100% você deve conhecer um pouco de cozinha (...) a mulher conquista o homem pelo coração, mas poderá conservá-lo pelo estômago (...)”. (JM 02.10.58)

“A cozinha pode ser a causa do naufrágio de um lar ou de seu alevantamento”. (JM 27.09.45)

“A desordem em um banheiro desperta em um marido a vontade de ir tomar banho na rua”. (JM 25.10.45)

“Podem brilhar ofuscantemente os olhares mais sedutores e desenvolverem-se em malabarismos de elegância as mulheres que em concorrência louca e desmedida se exibem (...) mas jamais se sobreporão à mulher do lar (...)”. (JM 01.02.45)

Em *Jornal das Moças*, a mulher de prendas domésticas é considerada a esposa ideal. Nesta revista, a “felicidade matrimonial” está claramente ligada à idéia de simplesmente a esposa conservar o marido que tem. Isto pode ser conseguido, entre outras coisas, pelo bom desempenho feminino nas atividades domésticas, especialmente as que podem receber mais facilmente o reconhecimento masculino, como cozinhar e deixar a casa em ordem e aconchegante.

Nos anos 60, em *Cláudia*, as habilidades das esposas na cozinha continuam muito valorizadas. Do mesmo modo que *Jornal das Moças*, *Cláudia* aconselha as esposas a não se descuidarem destes dotes, a prepararem os pratos favoritos do

marido (mesmo que os detestem), a esperarem o esposo sempre com boas refeições etc...

“Não acredite que uma fatia de queijo e um sorriso luminoso possam substituir um jantar malogrado”. (CI07.62)

Cláudia contribui com diversas dicas práticas para que a “esposa moderna” possa desempenhar bem estas suas atribuições “sem correr maiores perigos”, sendo o maior deles desagradar o marido. A revista dá toques superficiais de modernidade a funções femininas tradicionais como cozinhar para o marido e “receber bem seus amigos” .

Cláudia lembra também às esposas de seus deveres para com a limpeza da casa (sem, entretanto, incomodar o marido ou deixá-lo de lado por causa disso), os botões da camisa “dele”, o “aconchego do lar” etc - tudo em função do bem estar do homem que é - se não mais a única, como ocorria em *Jornal das Moças* - a principal medida da “felicidade no lar”.

A influência dos dotes domésticos no grau de harmonia do relacionamento do casal recebe muito mais espaço em *Cláudia* que as afinidades sexuais (estas que são uma novidade com relação a *Jornal das Moças*) e quase tanto quanto o “companheirismo” desejável entre marido e mulher (neste ponto, os artigos de Carmen da Silva são uma exceção).

Não são questionados, nas revistas femininas, - a não ser pela seção de Carmen da Silva (praticamente a única a problematizar o assunto) - a disponibilidade de tempo, as habilidades individuais ou os interesses de cada mulher por “suas” tarefas e encargos. Mas mesmo Carmen não diz nada sobre uma redistribuição de tarefas domésticas, em que o marido

dividisse com a esposa, por exemplo, os cuidados diários dos filhos ou os serviços de cozinha. Seus textos também não retiraram ou abstêm a mulher das responsabilidades domésticas, apesar de incentivarem a realização pessoal desta mulher para além de seus papéis de mãe, esposa e dona de casa. Para Carmen, a autora dos artigos mais polêmicos e inovadores de *Cláudia*, a solução seria a contratação de uma empregada doméstica. Mesmo assim, não admite que as tarefas fora do lar sirvam de “pretexto para a mulher negligenciar as ocupações domésticas”. (CI 03.64).

Em todo o período 1945-1964, as revistas apresentam os deveres e as imposições sociais como atividades a serem cumpridas pelas esposas em nome do amor conjugal.

2. Cuidar da aparência

“[A mulher] tem a obrigação de embelezar-se para o marido que é o homem mais importante de sua vida”. (JM 29.10.59)

“Vista-se depois de casada com a mesma elegância e bom gosto de solteira. Lembre-se: é uma verdade que a caça já foi feita, mas agora você deve tê-la bem presa (...)”. (JM 27.10.55)

A boa aparência da esposa é colocada por *Jornal das Moças* e por *Cláudia* como um atributo essencial para a “felicidade conjugal”, ou seja, para manter a atenção do marido e não correr o risco “fatal” de perdê-lo. Fazer-se bonita é a “solução” para as mulheres que se queixam da falta de atenção do esposo; cuidar mais da aparência pessoal sem, no entanto,

descuidar-se dos afazeres domésticos que, além do marido e dos filhos, são a “razão de sua existência”.

Não há nas revistas qualquer contrapartida masculina para este tipo de conselho. Tem-se, com isso, a impressão de que as revistas justificam, ou pelo menos explicam, a atitude masculina de procurar por outra mulher mais atraente devido ao “descuido” da esposa; mas as mulheres não teriam o mesmo direito ou iniciativa quando é o marido quem deixou de atraí-las.

E se não der certo? ...e se os cuidados de beleza não conseguirem manter ou reconquistar o marido? As revistas não conhecem esta dúvida.

A rotina doméstica e as insatisfações decorrentes não são colocadas em questão; as culpas e os erros - idéias muito presentes nas revistas femininas - recaem somente sobre o indivíduo-mulher. A mulher, aliás, carrega a maior parte das culpas no que diz respeito aos “fracassos”, desarmonias e conflitos do relacionamento conjugal. E a insatisfação pessoal na busca da felicidade-modelo-obrigatória (no matrimônio e no exercício das funções de esposa e dona de casa) é apresentada simplesmente como responsabilidade da própria mulher “infeliz”.

3. Questões financeiras

As questões do orçamento doméstico são apontadas frequentemente pelas revistas - *Cláudia* e *Jornal das Moças* - como um dos principais pontos de atrito e desentendimento dos casais.

As revistas recomendam que **as esposas** não gastem demais e não provoquem discussões com o marido a respeito de dinheiro.

Como é o homem o único, na maioria das vezes, que recebe o salário e o entrega à esposa, o dinheiro aparece como sendo **dele**, isto certamente incrementa o poder masculino na relação do casal.

Apesar de ter sob seus cuidados a administração do lar, a “boa esposa” deve procurar não envergonhar o marido, seguir suas opiniões a esse respeito e, quando chegar o fim do mês, deve fazer sacrifícios e “esticar” os recursos jamais censurando o homem pelo fato deste não ganhar o suficiente (C1 07.62).

O controle (ou descontrole) dos gastos domésticos pode provocar conflitos no casamento. A mulher deve ajudar o marido provedor “*administrando bem a economia doméstica*”. Mas este “*bem*”, um critério quase subjetivo, provoca discussões cujo resultado depende em grande parte do jogo de forças e poder no relacionamento dos casais, além dos pesos e medidas diferenciais da hierarquia de gênero socialmente aceita.

4. Manter a reputação

Aconselham as revistas que, em função da “felicidade no casamento”, as mulheres devem evitar comentários desfavoráveis a seu respeito mantendo sempre uma boa reputação: a mulher casada, mais ainda que a jovem solteira e descompromissada, está sob a mira do julgamento social; deve mostrar-se honesta e fiel ao marido.

“A mulher ideal é aquela que é carinhosa em casa e austera fora dela.(...) [se] um marido é particularmente ciumento, a mulher não deverá provocá-lo.” (C107062)

As revistas ensinam, por exemplo, que, quando o marido está ausente, a esposa deve limitar sua vida social; que a “boa esposa” não deve ser muito vaidosa, pois isto atrai “comentários maldosos”; que a mulher casada deve conter sua sexualidade eliminando qualquer atitude que prejudique sua reputação. O marido, entretanto, é considerado seu maior juiz.

Em contrapartida, a mulher que se casa ganha uma aura de respeitabilidade devido à aquisição do título de *senhora*.

Do homem que se casa, espera-se que também abra mão de alguns dos seus hábitos de solteiro e passe a ser um “responsável pai de família”. Mas os mesmos padrões sociais que lhe cobram o sustento da casa e a educação dos filhos, são mais flexíveis com relação às suas saídas, aventuras amorosas, farras com amigos etc.

5. Ser a companheira perfeita

Para manter a “harmonia no lar” a esposa deve ser sempre a “companheira perfeita” para seu marido.

Em *Jornal das Moças*, esta frase assume diversos sentidos. Entre eles, o de que a esposa não deve, pelo menos diretamente, contradizer o marido.

“(...) acompanhe-o nas opiniões (...) quanto mais você for gentil na arte de pensar, tanto maior será a importância de seu espírito no conceito dele”. (JM 27.05.55)

Em diversas situações, como esta, por exemplo, a “companheira perfeita” pode ser tomada como sinônimo de esposa submissa com relação ao marido.

Jornal das Moças não propõe o diálogo franco e aberto como forma de resolver as diferenças de opiniões de um casal (em certos momentos não chega sequer a legitimar ou pelo menos admitir estas diferenças). A noção de “conversas” entre marido e mulher, na revista, passa por outros caminhos: às esposas é aconselhado mostrarem-se interessadas nos assuntos que preocupam os maridos, participando também de seus problemas. Porém, nestas conversas, o que deve importar realmente à esposa é agradar o marido, seja incentivando-o e bajulando-o, seja servindo-lhe como uma espécie de distração ou consolo.

A “companheira perfeita”, em vários artigos de *Cláudia*, também é aquela que sabe agradar o marido e, algumas vezes, passar por cima de suas próprias opiniões e desejos em função disso.

“A boa esposa faz do marido um homem muito feliz. Entusiasma-se com as idéias dele, suas piadas e histórias só para agradá-lo e/ou incentivá-lo. Ela não incomoda o marido em seu trabalho e só telefona para seu escritório quando o assunto for realmente importante. É carinhosa o suficiente para satisfazê-lo totalmente, porém não para inquietá-lo.”
(C112.62, 04.62, 02.62)

Quando marido e mulher conversam e trocam idéias, é um sinal de que o “casamento vai bem”. Porém, em *Cláudia*,

muitas vezes, estas conversas não passam das amenidades ou gentilezas.

Entretanto, nesta mesma revista, também estão presentes as críticas de Carmen da Silva à falta de diálogo entre os casais, ocasionada, entre outras coisas, pelo fato de as esposas não trabalharem fora e se dedicarem exclusivamente ao lar⁸. Como marido e mulher têm vivências muito diferentes, as possibilidades de troca de idéias, experiências e de compreensão mútua ficam extremamente mutiladas - afirma a autora.

Cláudia - independentemente dos artigos de Carmen da Silva - dá uma importância maior ao diálogo entre o marido e a esposa que *Jornal das Moças* para a solução de algumas crises conjugais: de qualquer forma, o objetivo principal ainda é manter o casamento e evitar o desquite.

6. Ser uma boa esposa

A “boa esposa”, segundo o modelo das revistas femininas, não discute e não se queixa. São inúmeros os artigos - um pouco mais em *Jornal das Moças* que em *Cláudia* - que caminham nesta direção colocando os desejos da “boa esposa” sempre em função dos do homem e aconselhando as mulheres a não o aborrecerem com o que tratam por “manias” e “futilidades”, queixas e discussões.

“Se o marido gosta de fumar, você não deverá armar uma briga pelo simples fato de ele deixar (...) cair cinza no seu

⁸ A ênfase incondicional de Carmen da Silva na importância do “trabalho produtivo” para a aquisição da independência feminina e a realização da mulher enquanto sujeito é uma novidade em termos de revistas femininas nesta época.

tapete. O que você deve fazer é ter uma boa quantidade de cinzeiros espalhados pelos quatro cantos da casa afim de evitar discussões sobre o assunto” (JM 16.05.57)

“procure ter o máximo de compreensão quase adivinhando os desejos íntimos de seu marido”. (JM 27.10.55)

A **esposa-modelo**-*Jornal das Moças* procura constantemente agradar o marido. Diante da tão almejada “harmonia conjugal”, não importam as diferenças, as inseguranças e os desejos femininos. A idéia da revista sobre “casamento feliz”, nos anos 40 e 50, pressupõe, por parte da esposa, revoltas sufocadas, desejos pessoais diminuídos, sacrifícios e, muitas vezes, submissão. O homem é o ponto de referência: se ele está bem, o casamento vai bem.

Na maioria das situações de brigas e desentendimentos entre casais presentes nesta revista, a razão é dada aos homens; qualquer argumento ou motivo que justifique as queixas femininas é rechaçado, diminuído (tachado de futilidade, capricho ou arbitrariedade) ou descartado em favor da harmonia e, principalmente, da manutenção do casamento.

“O mito dos nervos femininos é apenas um alibi para enganar os homens e nada mais. Prova que as mulheres são muito imaginosas, que gostam de representar uma comédia ante os homens (...) Um pouco de lucidez, (...) coragem, (...) generosidade serão os remédios mais eficientes e, também, a certeza de que as mulheres nervosas não são amadas (...)”. (JM 21.08.52)

Na revista *Cláudia*, podem ser encontrados tanto o modelo da “boa esposa” - essencialmente bastante semelhante ao de *Jornal das Moças* - quanto imagens femininas e propostas que

representam certas rupturas com as idéias mais conservadoras de feminilidade. Porém, sem contar os artigos de Carmen da Silva, pode-se dizer que a presença do ideal mais tradicional de mulher dedicada ao marido (mesmo que já trabalhe) prevalece e supera as outras alternativas em *Cláudia*.

As esposas-modelo-conservador, presentes em muitos textos desta revista, também servem de reforço às desigualdades de gênero e ao poder do masculino nas relações homem-mulher.

“A esposa ideal, e feliz o mortal que a encontra, tem capacidade de transformar-se, segundo o homem com qual se casou (...) há caprichos que eles [os homens] detestam; qualidades que apreciam quase unanimemente (...)”.
(C112.62)

Porém, mesmo quando certos artigos das revistas chegam a admitir que a mulher tem motivos para se queixar - dos “programinhas” e infidelidades do marido - as discussões e reclamações são **desaconselhadas**. O argumento é de que elas irritam e cansam o homem. E as conseqüências, quando houver, serão sempre negativas para o casamento (mesmo do pretenso “ponto de vista feminino”, pois as mulheres, conforme as revistas, devem ser as mais interessadas em manter os laços da união conjugal).

“O casamento tem uma beleza incomparável e merece, da mulher, alguns sacrifícios”. (Cl 03.63)

o jeitinho feminino

Jornal das Moças desestimula qualquer forma de protesto feminino; brigas e reivindicações não adiantam, pelo contrário, prejudicam o relacionamento do casal - afirma a revista. Isto não quer dizer que *Jornal das Moças* veicule um modelo de esposa exclusivamente submissa e passiva. Como revista feminina, este periódico se auto-assume conselheiro das mulheres e defensor das famílias e dos casamentos - que, se mantidos, favorecem, em última instância, as próprias mulheres. Além disso, a revista, com suas receitas de felicidade, precisa oferecer um certo bem estar às leitoras e acenar com vantagens femininas nas relações homem-mulher.

Portanto, são freqüentes as dicas sobre “a melhor maneira” de mulheres conseguirem coisas, atraírem a atenção ou manterem um certo poder sobre as decisões do marido: usar estratégias ou subterfúgios, manter a feminilidade, aplicar um “golpe”. *Jornal das Moças* enfatiza o “jeitinho feminino”, composto de uma série de truques que fazem com que o marido ceda aos interesses da esposa ou não se zangue com ela.

O “jeitinho feminino”, em *Jornal das Moças*, se aplica em várias situações, desde a compra de um vestido até às circunstâncias ligadas ao esquema de funcionamento da casa. O truque, o agradar o marido visando algo em troca, o mostrar-se frágil e a feminilidade - o “jeitinho feminino” em suas várias formas - são também a receita única e infalível para manter o marido feliz e fiel e para espantar as amantes ou, pelo menos, fazer com que elas não atrapalhem a dinâmica familiar e o orçamento doméstico.

Com a noção de “jeitinho feminino”, a revista procura transmitir a idéia de que os homens não são os verdadeiros e poderosos senhores, e sim as mulheres, que conseguem, com suas artimanhas, levá-los para onde bem quiserem. As receitas de sedução são sempre preferidas em detrimento das discussões - conforme *Jornal das Moças* - mas também em detrimento do diálogo franco e aberto entre iguais - conforme se constata a partir de uma leitura crítica da revista.

O “jeitinho feminino” é a poção mágica oferecida às mulheres para reduzir conflitos, aguentar o cotidiano e defender seu lugar ao sol, ou seja, seu casamento.

Contos e artigos de *Jornal das Moças* repetem as mesmas críticas às “esposas dominadoras” e reservam a felicidade àquelas que respeitam, pelo menos nas aparências, a hierarquia de poderes estabelecida nas relações homem-mulher.

“Não seja dominadora, lembre-se de que você é mulher e faça um esforço para dominar seus caprichos (...)” (J M 27.10.55)

Pode-se inferir, pela quantidade de críticas às “esposas dominadoras” em *Jornal das Moças*, que o jogo de poderes dentro do casamento não tem, em vários casos concretos, os homens como vencedores fixos no desenrolar cotidiano das relações homem-mulher. Algumas esposas desafiam as normas de gênero e aprendem a garantir, mesmo pelo confronto direto, seu espaço de opinião no dia-a-dia doméstico e em seu relacionamento com o marido.

“para ser essencialmente feminina, você precisa ser compreensiva, precisa ter um mestre, um marido a quem respeitar,

se você tomar o lugar dele, ficará decepcionada, inconscientemente ou não (...) E as mulheres decepcionadas não são amadas durante muito tempo; o amor não gosta de pessoas tristes, amarguradas e cheias de complexos”

...como se a submissão da esposa fosse algo fixado para o próprio bem da mulher ou, ainda, uma característica essencial para a realização feminina. O ideal de feminilidade reforça a submissão feminina, pelo menos aparente, com relação ao homem.

A subordinação da mulher a razões sociais e econômicas, que determinam sua necessidade de viver ao lado de um homem que a sustente e a livre do estigma de “solteirona”, é encoberta no discurso das revistas pelas “razões do coração”.

“o homem mal se defende da mulher coquete, porque ela faz tudo para agradá-lo, mas uma espécie de instinto parece protegê-lo contra a mulher autoritária”. (JM 03.03.55)

Jornal das Moças adverte as mulheres não enquadradas no seu ideal de boa esposa: podem perder seu marido e acabar com seu casamento. A esposa nunca está segura e, portanto, deve andar na corda bamba das convenções sociais, do “certo” e do “errado”... do “jeitinho feminino”.

Por outro lado, a valorização deste “jeitinho” pode ser encarada como uma brecha para o exercício de um certo poder por parte das mulheres que não deve ser menosprezado. Poder este não declarado, dos bastidores - reforçado pelas próprias revistas que não têm escrúpulos em aconselhar as mulheres

nas entrelinhas de alguns de seus textos: represente seu papel diante do marido e, se preciso, mantenha-o na ilusão.

O poder masculino, porém, deve ter a supremacia (nem que seja só nas aparências - o que não deixa de denotar também, de certa forma, sua dominância).

Numa análise mais profunda, não é só para e pelo homem que a mulher é aconselhada a assumir performances condizentes com seus papéis femininos, é também em função da manutenção e reprodução das relações de gênero estabelecidas (ainda que, ou mesmo porque, abra espaço para o exercício dos chamados poderes femininos).

Apesar de não ter tão presente em suas páginas, como *Jornal das Moças*, a figura da “esposa dominadora” ou cheia de “caprichos”, *Cláudia* também critica as mulheres que “querem impôr continuamente sua vontade” diante do marido, tanto as “autoritárias” quanto as “chorosas”.

É certo que *Cláudia* favorece/aconselha, um pouco mais que sua antecessora, o diálogo entre o casal (e a compreensão do marido para com sua esposa), mas o recurso do “jeitinho feminino” ainda é constantemente invocado, à primeira vista, pelo menos, a favor das mulheres e em nome da “felicidade do casal” .

Em *Cláudia*, a felicidade da mulher não está única e exclusivamente ligada ao bem estar do marido, mas o homem continua um importante ponto de referência - em vários artigos, o principal.

A feminilidade, nesta revista, ainda comporta doçura, paciência, devoção ao marido e uma certa dose de ingenuidade

(ao menos nos aspectos relativos ao sexo), embora o modelo da “esposa prática e ágil” seja bastante reforçado em detrimento da figura da “esposinha pueril”

Cláudia não defende propriamente que a mulher deva modificar suas características e seu modo de pensar em função do marido - como praticamente fazem vários dos textos de *Jornal das Moças* propõe, por outro lado, uma estratégia de conciliação: as chamadas “concessões recíprocas”. Entretanto, esta conciliação entre marido e mulher, que se pretende um acordo entre iguais, reproduz, a seu modo, idéias mais tradicionais - como as encontradas em *Jornal das Moças* do tipo: o homem precisa/tem direito a ter certas liberdades e a fazer seus “programinhas” e, em troca, a esposa “compreensiva” (que não se queixa) recebe alguma compensação, mas esta nunca é do mesmo tipo, ou seja, não se refere às mesmas “liberdades” do marido, sendo apenas um “*presentinho*” (CI 07.62) que ela merece.

Esta troca não abala, pelo contrário, reforça as desigualdades mais amplas de gênero e os valores que possibilitam uma moral distinta para o feminino e para o masculino.

O “jeitinho feminino” tanto contribui para manter as desigualdades nas relações homem-mulher, traduzindo uma forma de submissão feminina às normas sociais, quanto representa um poder exercido pelas mulheres, um espaço alternativo de manifestação feminina e/ou de ameaça de subversão à ordem hierárquica dos gêneros (na medida em que colabora para a dilatação dos limites impostos ao feminino)⁹.

⁹ Para uma discussão mais aprofundada sobre a questão do “jeitinho

Carmen da Silva é uma voz isolada e única contra os artifícios aconselhados para “conquistar” o marido, evitar discussões, manobrar o esposo. Estes, critica a autora, reduzem o vínculo do casamento às artimanhas e à falsidade, ao silêncio cúmplice e à falta de uma real comunicação entre homem e mulher (CI 02.64).

7. Liberdade para os homens

Segundo *Jornal das Moças*, uma esposa não deve “incomodar” seu marido com “bobagens” - leia-se ciúmes e dúvidas relativas ao seu comportamento. As inseguranças e suspeitas femininas não merecem atenção. A revista propõe às mulheres que relevem as “aventuras” ou pequenos deslizes de seus maridos, sendo que não devem sequer preocupar-se em descobri-los.

Vários artigos de *Jornal das Moças* alertam para que as mulheres não cometam o “erro” de cortar ou querer controlar os “programinhas” de seu marido, pois correm o risco de perdê-lo. A melhor forma para manter o marido é atraí-lo com afeição e serviços, engolir reclamações e mal-estares, inseguranças e cobranças - receita a revista nas entrelinhas.

Alguns artigos de *Cláudia* - assim como vários de *Jornal das Moças* - ao mesmo tempo em que legitimam a figura do marido ciumento, advertem as esposas para que evitem ter ciúmes do marido, pois isto atrapalha a “harmonia do casal” .

feminino”, as relações de poder que envolve e seus reflexos nas concepções e práticas relativas aos gêneros, ver o capítulo “Poderes Femininos” In C. Bassanezi, *Virando as páginas, revendo as mulheres* (1992).

“[A companheira ideal, se desconfia da infidelidade do marido], redobra seu carinho e as provas de afeto”. (C1 02.62)

A “liberdade do homem” é defendida, em *Jornal das Moças*, acima dos sentimentos femininos, orgulho ferido, inseguranças e ciúmes.

“Mais do que orgulho, o seu dever é mais forte (...) passe uma esponja sobre um desvio, uma leviandade tão própria dos homens. *Caso* contrário, quando ele a abandonar, acha que seu ataque de nervos, a sua crise de orgulho, secará suas lágrimas?” (JM 03.03.55)

Para *Jornal das Moças*, uma mulher só pode realizar-se - emocional e financeiramente - ao lado de um homem. A grande ameaça para a mulher casada é, em *Jornal das Moças*, a separação; a revista procura evitar a todo custo a dissolubilidade do casamento.

Em *Jornal das Moças*, a **infidelidade** e o “**temperamento poligâmico**” masculino são fatores biológicos, fazem parte da natureza do homem e, portanto, sua negação ou seu questionamento são inúteis (e prejudiciais). O procedimento correto da “boa esposa” é reconquistar o marido sem escândalos ou cenas de ciúmes - abandonar o lar ou separar-se do marido está fora de cogitação - perdão incondicional, silêncio e esforço para manter sempre a “família unida”.

“No terreno do amor conjugal, a mulher deve sempre suportar com paciência que dá o amor verdadeiro, deixando que ele [o marido] encontre no lar tudo que deseja dando-lhe, então, motivos para que, sozinho, veja os erros cometidos fora de casa”.

Cabe à mulher manter no homem a vontade de voltar para junto dos seus, no lugar reservado para ele, onde encontrará a felicidade esperando-o de braços abertos” (JM 03.03.55).

É forte também em *Jornal das Moças* a idéia de que se o marido é infiel - além de estar correspondendo à sua natureza de macho - ele o é, em grande medida, por culpa da mulher que não cumpre os requisitos do ideal de “boa esposa” veiculado pela revista; ele passará a procurar “fora do lar o que não encontra”: “outra alma que entenda seus anelos” (JM 09.02.56).

Cláudia comporta vários pontos de vista com relação à infidelidade masculina e ao comportamento da esposa nestes casos - o que se traduz em várias concepções de “felicidade no casamento” e mesmo de “realização da mulher”.

As seções que respondem a cartas de leitores, portanto a casos concretos, adotam as posições mais conservadoras de toda a revista numa direção bastante próxima à dada por *Jornal das Moças*. A esposa deve pensar primeiro nos filhos, na moral estabelecida, no futuro econômico garantido... Sua raiva deve voltar-se contra o que é considerado a verdadeira ameaça ao seu casamento: “a outra”. A fórmula, com pequenas variações, se repete: se a esposa sabe ou desconfia de uma infidelidade, passa a desejar ardentemente o mal para sua rival e procura agradar mais o marido.

A questão da infidelidade masculina ganha mais profundidade, passando a ser problematizada além dos clichês consagrados, em certos artigos e reportagens. Algumas das idéias:

- a infidelidade masculina é uma questão cultural (Cl 05.63),
- a “mulher moderna” (preparada para enfrentar a vida e participar de modo produtivo na sociedade, sem precisar da proteção financeira e emocional de um homem) raramente enfrenta o problema da infidelidade e quando esta ocorre, é considerada muito mais grave (Cl 11.61),
- embora as pesquisas apontem a infidelidade feminina como mais séria que a masculina, a infidelidade conjugal deve ser condenada em ambos os casos (Cl 05.63),
- os desajustes sexuais têm uma relativa importância na questão da infidelidade conjugal (Cl 05.63).

Recebem críticas tanto os maridos que traem quanto as esposas que os “deixam” trair ou os “empurram” para a infidelidade. No caso da responsabilidade das esposas, mesclam-se argumentos novos em termos de revistas femininas como os que envolvem a disponibilidade e a compatibilidade sexual, com estereótipos mais tradicionais - vários dos presentes em *Jornal das Moças* - das mulheres que não são “boas esposas” (dominadoras, queixosas, desleixadas, más donas de casa, desatenciosas etc).

Novamente, é Carmen da Silva quem mais avança em termos de novas formas de interpretar e conduzir a dinâmica das relações homem-mulher. A autora critica a mentalidade social que admite o deslize extra-cojugal do homem como um direito adquirido e indiscutível; lembra os sofrimentos da esposa enganada e insegura emocionalmente, e propõe um combate estrutural à “dupla moral sexual” presente na sociedade. Critica ainda as mulheres que vivem à sombra do marido e

que, portanto, não conseguem ser tratadas com o respeito que merece um igual e enfatiza firmemente a necessidade de **independência feminina**.

Diante do problema da infidelidade masculina e da busca da “verdadeira harmonia no casamento”, Carmen propõe às mulheres que escolham bem o companheiro, que se preparem com lucidez para a vida em comum, que tenham personalidade forte. E mais do que isso, que demonstrem ser capazes de dividir com os homens preocupações comuns e responsabilidades enquanto “protagonistas” de suas próprias vidas e “participantes ativos” do coletivo social.

Para Carmen, a **comunicação** é fundamental para a manutenção da “afinidade” e do “entendimento” de um casal. Se um homem tem a seu lado uma companheira com a qual pode realizar “amplamente seu potencial afetivo” (inclusive no campo sexual) e que pode tratar como um ser igual e independente (que não vive exclusivamente em função dos papéis de mãe, esposa e dona de casa - em função apenas “do outro”), sentir-se-á menos tentado a fazer o que os padrões sociais lhe permitem, em outras palavras, ter “aventuras” extra-conjugais. O diálogo franco e aberto (ao invés da passividade, do silêncio ou das artimanhas) é a melhor maneira de se criar uma “verdadeira intimidade” e cumplicidade entre homem e mulher na busca da “felicidade conjugal” (CI 07.64).

Cláudia participa da construção/reprodução do modelo de “boa esposa”; obrigatoriamente dedicada ao marido, sempre preocupada em mantê-lo feliz e a seu lado independentemente de qualquer coisa. Entretanto, nesta mesma revista, há espaço

para novas propostas como “a mulher moderna”¹⁰, com personalidade própria que estabelece com o parceiro uma relação de respeito mútuo, e “a mulher independente e atuante”, a “protagonista” (dos textos de Carmen da Silva).

Carmen não retira a responsabilidade feminina na construção da “felicidade conjugal”, mas afirma que só estando realmente realizada e satisfeita consigo mesma (não sendo apenas a “rainha do lar”) é que a mulher poderá viver bem e ser uma verdadeira companheira do marido.

“As mulheres que se sentem alguém não temem as rugas nem as sirigaitas. Sabem que cada pessoa possui algo absolutamente seu, inimitável, intransferível; têm razão de supor que foram escolhidas e amadas por esse algo que os anos não roubam, que as outras mulheres, ainda que mais belas, não põem em perigo. Sua personalidade, sua identidade, está nelas, não no marido, nos filhos, na casa.”
(CI 11.63)

A independência que Carmen da Silva preconiza para as mulheres não significa falta de reciprocidade (de troca) com o companheiro, pelo contrário - afirma a autora - é o primeiro passo para a interdependência equilibrada no relacionamento homem-mulher, um componente vital para uma “ligação amorosa feliz” (CI12.64).

¹⁰ A expressão “mulher moderna” aparece frequentemente em *Cláudia* com vários sentidos. Neste texto, ela se refere ao adotado por Helena Silveira em CI 11.61, em um dos raros textos da revista com idéias próximas às de Carmen da Silva.

8. Afinidade sexual

Em *Jornal das Moças* não há qualquer referência à sedução sensual ou ao desempenho sexual como fatores importantes no relacionamento do casal. A esposa é vista antes de tudo como coadjuvante do marido no dia-a-dia doméstico e mãe de seus filhos; não se exige dela o desempenho de uma amante, apenas a fidelidade é cobrada. A afinidade sexual do casal, nos anos 50 não é considerada no modelo de “felicidade conjugal” veiculado pelas revistas. Este valoriza especialmente o bom enquadramento nos papéis de gênero estabelecidos.

Jornal das Moças não faz qualquer menção às relações sexuais no casamento. A palavra sexo, neste sentido está ausente da revista.

Em *Cláudia*, contudo, já existe um espaço aberto ao tema. Por outro lado, tem-se a impressão de que o termômetro principal da “harmonia conjugal” está longe de ser a satisfação sexual; os parâmetros mais utilizados referem-se à amizade entre marido e mulher, ao companheirismo, ao carinho, à troca de gentilezas e à preservação das etiquetas no relacionamento do casal.

Os artigos de *Cláudia* que tratam de sexo no casamento procuram afirmar a afinidade e a satisfação sexual como fatores relevantes para a “harmonia conjugal”. Reconhecem que a virtude excessiva das esposas pode prejudicar as relações conjugais e preocupam-se com o prazer sexual da mulher, considerado um elemento importante para “a completa união conjugal” que pode ser alcançada com “o tempo, a experiência e a vontade de realizar a própria felicidade”. O desejo sexual

é encarado nestes termos como um componente indivisível do amor (CI 10.64).

O sexo - para Carmen da Silva - não forma um capítulo à parte no relacionamento entre marido e esposa e sim passa a ser integrado no todo da harmonia conjugal. Ao homem e à mulher são dados direitos iguais à satisfação e responsabilidades equilibradas, pois se o homem deve dar apoio e ternura à mulher, esta deve corresponder com confiança e vontade de enfrentar os medos e preconceitos para entregar-se ao homem que escolheu como marido.

Ao valorizar e atizar o interesse sexual da mulher, mesmo dentro dos limites do casamento - conforme é permitido e aceito em *Cláudia* -, Carmem da Silva, atenta às insatisfações e desejos femininos, participa da reformulação dos limites e da reconstrução dos significados das relações homem-mulher em sua época.

Na primeira metade dos anos 60, a ênfase no prazer sexual/sentimental feminino ameaça as bases da dupla moral para os sexos e da dominação masculina na hierarquia de gênero. São abalados vários dos tradicionais pilares que sustentam o controle da sexualidade feminina, as distinções “naturais” entre feminino e masculino e as exigências, atribuições e expectativas que compõem o relacionamento homem-mulher.

Conclusão - A esposa e a felicidade do lar

“O fundamento da prosperidade doméstica é a mulher, que indica com a luz do seu olhar, o caminho do amor e da felicidade àqueles que a rodeiam.” (JM 06.09.45)

“Num casal, a função feminina é sobretudo manter a união, a união com o marido, a união com os filhos (...) seu papel na estabilidade da família é, por isso mesmo, primacial e decisivo”. (CI 08.63)

As revistas femininas colocam a esposa como principal responsável pela “felicidade no lar”. Com isso, ao mesmo tempo em que valorizam a mulher e lhe atribuem um poder significativo sobre a família, reforçam seus vínculos de dependência com relação a esta e especialmente ao homem, o marido.

Com seus inúmeros conselhos às esposas sobre como cumprir a sua “função” relativa à “harmonia doméstica e conjugal”, as revistas se dizem favoráveis à mulher. No entanto, uma análise mais profunda das revistas da época pode revelar formas de manutenção da dominação masculina sem enfrentamentos diretos, conflitos ou questionamentos nas relações homem-mulher. Estas se traduzem, por exemplo, no controle da sexualidade feminina, na divisão rígida de atribuições e tarefas no casamento (relegando às mulheres espaços menos valorizados socialmente), na “dupla moral sexual”, na submissão, na falta de diálogo entre iguais e nas responsabilidades distintas atribuídas ao feminino e ao masculino com relação à “felicidade conjugal”.

No que diz respeito às relações de gênero, as revistas procuram, na medida do possível, estar de acordo com um determinado consenso social, ou seja, as idéias dominantes relativas

ao masculino e ao feminino e o ideal - socialmente construído - e harmonia na convivência de homens e mulheres.

A imprensa feminina comercial em geral, não contesta estas idéias, pelo contrário, procura mantê-las, conservá-las; não surge com questões novas ou revolucionárias, mas também não pode ficar muito distante das transformações de seu tempo (sob o risco de perder seu público leitor). Além de reproduzir e reforçar as relações de gênero dominantes e suas representações, as revistas femininas também participam da construção destas relações e imagens. O discurso (ou o conjunto de discursos) das revistas tenta corresponder à demanda, aos interesses e aspirações do público leitor. E, concomitantemente, com suas repetições e constância de assuntos e idéias, procura moldar este público - formar gostos, opiniões e padrões de consumo e de conduta - de acordo com certas normas que reforçam as distinções e desigualdades de gênero (tendo o poder masculino como dominante) ainda que haja mudanças (e apesar destas) ao longo do tempo.

Desta forma, inseridas no contexto social, as revistas participam da reprodução/construção do ideal de felicidade conjugal como um espaço onde são transmitidas normas e representações sociais.

Nem sempre o discurso das revistas é homogêneo e unilateral, e de forma alguma está isento de contradições e lacunas. Algumas poucas vezes, nas revistas, podem ser abertas certas brechas a novas possibilidades e formas de pensar as relações homem-mulher (desde que fiquem garantidas suas bases morais e valorativas e que as vendas e a publicidade não saiam prejudicadas). Assim, também contribuem na reformulação

das representações de gênero no contexto social do qual fazem parte.

Várias das transformações nas relações homem-mulher são mais sensíveis nos últimos anos do período em foco, que coincidem com os primeiros anos de vida de *Cláudia*. Os diversos discursos presentes nesta revista - dentre os quais os artigos de Carmen da Silva recebem destaque como os mais inovadores - correspondem, de certa forma, às possibilidades, nesta época, de convivência de várias tendências mais gerais a respeito do que seria **A Felicidade Conjugal Ideal**.

Abreviaturas

JM - *Jornal das Moças*

Cl - *Cláudia*

Cr - *O Cruzeiro* - seção “Da mulher para a Mulher”

Bibliografia

- BASSANEZI, Cada. *Virando as páginas, revendo as mulheres; relações homem-mulher e revistas femininas (1945-1964)*. São Paulo, dissertação de mestrado FFLCH/USP, 1992.
- BRUSCHINI, Cristina e COSTA, Albertina (org.). *Rebel- dia e submissão*. São Paulo, Vértice e Fundação Carlos Chagas, 1989.
- BRUSCHINI, Cristina e ROSEMBERG, Fúvia (org.). *Vi- vência; história, sexualidade e imagens femininas*. 1v. São Paulo, Brasiliense e Fundação Carlos Chagas, 1980.
- CÂNDIDO, Antônio. "The brasilian family". In LYNS- MITH and MARCHANT (org.). *Brazil; portrait of half a continent*. New York, The Dryden press, 1951.
- CORRÊA, Mariza. *Morte em família; representações ju- rídicas de papéis sexuais*. Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- DARDIGNA, Anne-Marie. *La presse "féminine"; fonction ideologique*. Paris, Maspero, 1978.
- D'INCAO, Maria Ângela (org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1989.
- LONGO, Gioia de C. (org.). *Immagine donna; modelli di donna emergeti nei mezzi di comunicazione di massa*. Roma, Commissione nazionale per la realizzazione della parità tra uomo e donna, 1986.

- MATTELART, Michele. *La cultura de la opression femenina*. México, Nueva era, 1977.
- PRADO, Rosane M.. “Um ideal de mulher; estudos dos romances de M. Delly” In *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- SARLO, Beatriz. *El imperio de los sentimientos; narraciones de circulación periódica en la Argentina (1917-1927)*. Buenos Aires, Catálogos, 1985.
- SCOTT, Joan W.. *Gender and the politics of the history*. New York, Columbia University press, 1988.
- SULLEROT, Evelyne. *La presse féminine*. Paris, Armand Colin, 1963.
- VARIKAS, Eleni. *Genre, experience et subjectivité; a propos du desaccord Tilly-Scott*. mimeo do Centro de Estudos de Gênero Pagu, sd.
- WEIBEL, Katryn. *Mirror, mirror; images of women reflected in popular culture*. New York, Anchor books, Anchor press/Doubleday, 1977.
- WILLEMS, Emílio. “A estrutura da família brasileira” In *Sociologia XVI*, v. (4). São Paulo, Escola de Sociologia e Política de São Paulo, out. 1954.